

OPINIÃO

Saúde suplementar:
sinistralidade, fraudes e o
impacto na sustentabilidade
dos convênios

Vagner Fujita (*)

Recentemente, notícias sobre a interrupção de vendas e o término de planos de saúde têm circulado. Isso levanta a questão: por que as empresas tomariam medidas que parecem contraproducentes para a geração de receita e a manutenção de contratos existentes?

A resposta pode ser encontrada na análise da sinistralidade, tanto de novas vendas quanto de carteiras antigas. O plano de saúde é um desejo comum entre a população. Assim, é razoável supor que aqueles com meios financeiros já possuam um. Portanto, os novos beneficiários provavelmente são aqueles que recentemente adquiriram poder de compra ou estão preocupados com a saúde pessoal ou familiar.

No entanto, não houve um aumento significativo no poder de compra ou no emprego formal recentemente no Brasil. Isso sugere que muitos dos novos beneficiários podem ter condições de saúde pré-existent, o que requer uma maior diligência das operadoras ao admitir novos usuários. Para comprovar isto, basta olhar a sinistralidade precoce de safras mais novas e entender o que são eventos de sinistro que fazem parte do negócio (acidentes, doenças descobertas após a entrada no plano) e o que são sinistros com alta propensão de conhecimento prévio pelo beneficiário.

Já para os beneficiários em carteira, a situação se torna desequilibrada quando os custos individuais superam significativamente o valor do prêmio mensal. Em algumas carteiras, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) estabelece os limites de reajuste. E mesmo nas carteiras em que o reajuste é baseado na sinistralidade, temos um descompasso entre os sinistros ocorridos e os reajustes aplicados.

Olado perverso é que os beneficiários que fazem pouco uso do plano (menor sinistralidade) e não conseguem suportar os reajustes optaram pelo cancelamento ou fazer o "downgrade" do plano. Por outro lado, os que fazem o uso intensivo do convênio permanecem nos planos contribuindo para a sinistralidade elevada. Adicionado a isso temos as fraudes e abusos que aumentam ainda mais a sinistralidade dos planos, de forma indevida. Ao final do dia, um pequeno grupo de beneficiários e os fraudadores acabam consumindo a maior parte da receita, tornando essas carteiras insustentáveis para os demais beneficiários.

A elevação do sinistro pode ser dividida em dois grandes blocos: aumento do custo médico e fraudes e abusos. O primeiro conta com a inclusão de novas tecnologias de saúde, o aumento do custo unitário dos serviços, materiais e medicamentos utilizados pelos prestadores e o aumento da frequência de utilização. O segundo inclui omissões/fraudes na admissão de novos clientes, judicialização mal-intencionada, fraudes na simulação de procedimentos, cobranças por serviços não realizados e excesso de tratamentos.

Esses fatores, combinados com a saída de beneficiários com baixa utilização, criam um ciclo vicioso de custos, com pouca margem para reversão dos resultados.

Outras variáveis que contribuem para o resultado negativo das operadoras incluem despesas administrativas, multas por notificação de Intermediação Preliminar (NIPs), que é o instrumento que busca a solução de conflitos entre os beneficiários e as operadoras de planos de saúde. E ainda, custos de comercialização, despesas para defesa de processos judiciais, custos operacionais para prevenção e combate a fraudes e inadimplência. Em algumas situações, mesmo quando o contrato está inadimplente, a operadora não pode suspender o atendimento ao beneficiário.

O sistema de saúde suplementar, baseado no mutualismo, enfrenta desafios quando pessoas com custos recorrentes e elevados entram no sistema. Um exemplo prático. Considere

um novo indivíduo com uma mensalidade de R\$500,00 e a necessidade de terapia contínua no valor de R\$10.000. A inclusão desse indivíduo na carteira gera uma margem de contribuição negativa de R\$9.500.

Para equilibrar o custo, seriam necessários nove indivíduos que nunca utilizariam o plano, sem levar em conta as despesas com impostos, corretores e gestão administrativa. Isso ilustra como a adição de novos indivíduos com condições pré-existent impacta o equilíbrio econômico dos planos de saúde.

A ANS permite a aplicação de Carências e Cobertura Parcial Temporária (CPT) para doenças pré-existent, geralmente apenas para planos individuais e coletivos por adesão e empresariais até 30 vidas. Essa característica contratual evitaria a entrada de indivíduos que gerariam um sinistro de forma precoce e garantiria a cobertura em casos de urgência e emergência.

No entanto, na prática, existem várias "brechas" que acabam gerando sinistros precoces, mesmo para indivíduos que deveriam cumprir prazos de carência e CPT. A "falsa" urgencialização de atendimento, liminares judiciais e omissões na Declaração Pessoal de Saúde (DPS) dão oportunidade para as fraudes. Esses mecanismos de regulação de sinistro se mostram ineficientes no combate ao uso indevido do plano de saúde.

A aplicação de carências e CPT adiciona complexidade ao processo e tem limitações no bloqueio de sinistralidade já conhecida, principalmente pela dificuldade de comprovação de fraudes na entrada dos indivíduos ou na utilização das "brechas" para o atendimento de situações que atendem aos critérios de carência e CPT.

Impacto

De acordo com a ANS, em 2023, o setor apresentou um resultado operacional negativo. Isso significa que as receitas, após a dedução do custo médico, corretagem e despesas administrativas, resultaram em prejuízo. O "lucro" das operadoras veio do resultado financeiro, pois recebem dos beneficiários antes e pagam aos prestadores com prazos mais longos.

Nesse cenário, a gestão de caixa se torna o foco principal das operadoras, em vez da eficiência na assistência. Isso parece distorcer o modelo de saúde suplementar, especialmente quando a variável de juros se torna um componente decisivo no resultado do setor.

Além da questão da rentabilidade das operadoras e seguradoras, existem outros impactos que afetam o segmento.

Enquanto poucos têm acesso a procedimentos não contratados, cometem fraudes ou super utilizam o sistema, as operadoras precisam "compensar" esses custos ajustando a rede de atendimento, dentro do que a regulação permite. Com o aumento dos custos dos prêmios, também há uma redução no "nível dos planos".

Com todas as restrições para conter o custo médico e os limites para a aplicação de reajustes, cada vez há menos oferta para planos individuais, coletivos por adesão e até mesmo o MEI. É importante considerar a massa de beneficiários que hoje tem um plano empresarial e que, ao sair do mercado formal, terá dificuldade de encontrar um plano de saúde adequado.

Ou seja, a recente suspensão de vendas e o término de planos de saúde levantam questões importantes. A resposta reside na análise da sinistralidade, tanto de novas vendas quanto de carteiras antigas. Para equilibrar o custo, as operadoras terão de investir em soluções que identifiquem as várias brechas de um contrato. Não há uma "bala de prata" para resolver fraudes e oportunismos. Mas um conjunto de ações que darão segurança jurídica, flexibilidade de negociação, sinistralidade adequada e o equilíbrio das contas.

(*) CEO da ID Health.

OTAN busca alternativa
para cabos submarinos

Invisíveis, mas vitais, os cabos submarinos suportam mais de 95% do tráfego global da internet. Por eles também são transportados diariamente os dados referentes a cerca de US\$ 10 trilhões em transações financeiras, documentos de negócios etc.

Vivaldo José Breternitz (*)

Esses cabos enfrentam riscos trazidos por fenômenos naturais, como tremores, erosão e alteração do nível do mar. Em meio a um cenário geopolítico cada vez mais instável, eles também estão sujeitos a sabotagem.

Dado esse cenário, para proteger os cabos de potenciais ataques ou fenômenos naturais, a OTAN está apoiando um projeto que visa, em situações de emergência, redirecionar o tráfego da internet de cabos submarinos para satélites; esse projeto vem sendo chamado HEIST.

A OTAN financiará o projeto concedendo \$ 400 milhões por meio de seu Programa Ciência para a Paz e Segurança. Embora ainda não tenha ocorrido o lançamento oficial, Eyup Kuntay Turmus, executivo do programa, disse à agência Bloomberg que o início formal do projeto acontecerá muito brevemente.

Os temores de ataques à infraestrutura subaquática se intensificaram em setembro de 2022, após as explosões ainda inexplicáveis nos gasodutos Nord Stream 1 e 2, que transportavam gás da Rússia para a Alemanha através do Mar Báltico.

Mais recentemente, um dano a cabos no Mar Vermelho – que teria sido causado pelo afundamento de um navio pelos rebeldes Houthis – afetou temporariamente um quarto de todo de tráfego de dados entre a Europa e a Ásia.

Em 2023, a OTAN expressou preocupação com a possibilidade da Rússia atacar cabos submarinos como forma de retaliação



WikiImages de Pixabay CANVA

ao apoio do Ocidente à Ucrânia. Nesse mesmo ano, o primeiro-ministro sueco, Ulf Kristersson, caracterizou o dano a um cabo submarino no mar Báltico entre a Suécia e a Estônia como "intencional".

Ainda segundo a Bloomberg, o Projeto HEIST está desenvolvendo ferramentas para detectar problemas em cabos, apontando o local desses problemas com precisão de até um metro – a tecnologia hoje disponível tem precisão de um quilômetro.

Tão logo qualquer problema seja detectado, o fluxo de dados será imediatamente redirecionado para satélites – isso deve trazer algum prejuízo em termos de velocidade, mas não haverá interrupção do fluxo. Hoje já existem sistemas que fazem redirecionamento de tráfego entre cabos, mas o HEIST será mais uma ferramenta para manter o tráfego o mais próximo possível do normal.

Pesquisadores de universidades da Islândia, Suécia, Suíça e Estados Unidos estão trabalhando no projeto. A empresa islandesa de segurança cibernética Syndis e as empresas americanas Viasat e Sierra Space, que atuam, respectivamente nas áreas de telecomunicações e aeroespaciais, também estão participando do projeto.

Além disso, a OTAN está investindo em outras tecnologias voltadas à defesa: criou um fundo de \$ 1 bilhão para esse fim, e já está apoiando várias startups europeias voltadas ao tema.

Lembramos que o Brasil depende muito de cabos submarinos, e sua defesa e manutenção também devem estar entre nossas preocupações.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor da FATEC SP, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas.

Eventos corporativos: estratégias que reinventam o cenário do mundo empresarial

Os eventos corporativos têm se destacado como um dos pilares dentro das estratégias de negócios, criando oportunidades únicas para networking, promoção, crescimento e engajamento das empresas. De acordo com levantamento da Sympla, plataforma online de eventos líder no Brasil, houve um aumento de 36% nos eventos corporativos no primeiro trimestre de 2023, em comparação a 2022. Essa tendência de expansão do setor se manteve ao longo de 2023, o que demonstra a importância crescente desses eventos no cenário empresarial.

"As empresas têm buscado criar experiências cada vez mais personalizadas para os seus eventos corporativos, como interações imersivas, que envolvem ambientes tecnológicos e envolventes, focam em entreter e conectar o público", afirma Afonso Braga Neto, empresário do Spot 105, espaço de eventos corporativos em Curitiba. Afonso explica que os eventos em sua maioria são feitos em datas comemorativas e importantes para a empresa, ele revela que são procurados lugares diferentes para as celebrações corporativas.

"Cada vez mais as empresas tentam sair dos hotéis, espaços de convenção e trazer os colaboradores e convidados para lugares abertos e arborizados", revela o empresário. O Spot 105, é um espaço de eventos localizado



a 15 minutos do centro de Curitiba, em meio à natureza, e se destaca como uma referência para eventos corporativos em um ambiente sofisticado junto ao verde. O espaço já realizou diversos eventos de grande porte com empresas destaques, como O Boticário, Electrolux, Rumo Logística, Unimed, Grupo Positivo, entre outras.

Afonso explica que o uso de tecnologias também tem sido uma alternativa dentro dos eventos corporativos. A contratação ou desenvolvimento de aplicativos personalizados são populares, pois permitem que os convidados moldem suas experiências, recebam notificações relevantes e interajam com outros partici-

pantes. Além do aplicativo armazenar dados, feedbacks e sugestões para eventos futuros. Além da tecnologia, Afonso cita que a presença de artistas, influenciadores, DJs ou músicos também pode ser uma abordagem atraente.

"Para aumentar o impacto sobre o público-alvo, as empresas vêm desenvolvendo experiências personalizadas, por exemplo, ambientes aromatizados, musicais, decorações instagramáveis e ativações diferenciadas", o empresário explica que o objetivo é tornar o momento de interatividade exclusivo e especial. Outro ponto importante para Braga Neto são as redes sociais, os eventos bem-sucedidos têm aproveitado das mídias digitais para engajar o público antes, durante e após o evento. "Transmissões ao vivo, stories, reels, hashtags e compartilhamento de conteúdo e fotos, são estratégias fundamentais e eficazes para ampliar a presença e o alcance dos eventos empresariais", diz Afonso.

"Os eventos corporativos estão em ascensão, isso é negável. Quanto mais as empresas envolvem experiências personalizadas e imersivas, utilizam de tecnologias e estratégias de engajamento nas redes sociais, mais alcance e destaque elas têm", afirma Afonso Braga Neto, empresário do Spot 105, espaço de eventos de alto nível na capital paranaense.



News@TI

ricardosouza@netjen.com.br

PUC angels firma parceria com Pinheiro Neto Advogados para aceleração de startups

@Com o objetivo de fomentar o empreendedorismo e a inovação no mundo dos negócios, a PUC angels, aceleradora e rede de investimentos para auxiliar a escalar startups, firmou parceria com o

escritório Pinheiro Neto Advogados. Desta forma, as startups avaliadas ou investidas pela PUC angels poderão se candidatar ao programa de aceleração do escritório de advocacia. A parceria permite que a aceleradora recomende startups a se candidatar ao programa do escritório (<https://pucangels.org>).

Editórias

Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br);

Comercial: comercial@netjen.com.br

Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/ TI: Fabio Nader; Edição Eletrônica: Ricardo Souza.

Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080

Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br)

Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90

JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)

Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.